

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

7. Mães sozinhas com filhos sem pai

Responsable NEL: Carolina Hernández

Participantes: Andrés Molina, Raúl Arancibia, Darío Calderón,
Elyene González, María Gabriela Rangel

Qual é o desejo de uma mãe que tem filhos sem pai? Podemos distinguir entre “mãe sozinha” e “só mãe”, propondo a diferença que há entre alguém que, por circunstâncias dos seus impasses com o Outro sexo, tem um filho sozinha e uma outra que tenta existir por meio da maternidade. Nesse sentido Lacan propõe que uma criança pode alienar “todo acesso possível da mãe à sua própria verdade, dando-lhe corpo, existência”.

Também indicou duas posições possíveis para uma criança ao respeito da sua mãe: que seja um sintoma que represente a verdade do casal ou que vire objeto da mãe. Mais além, Miller faz referência ao desejo, indicando que não se trata da relação dual entre mãe e filho, nem de que ela se posicione na função paterna. É preciso pensar em termos do desejo, que “os cuidados que ela dá à criança não lhe afastem do seu desejo como mulher”. Trata-se de que não seja suficientemente boa, que a criança não complete o vazio sob o qual fica sustentado seu desejo. É a diferença fundamental entre uma não-toda mãe e uma mãe que pretende ser tudo.

São diversas as referências na psicanálise sobre o desejo materno, que não é natural, biológico, nem geral. Em *Donc*, Miller fala sobre a questão da rejeição da feminilidade ou da maternidade em algumas mulheres, menciona que há mulheres que ora repudiam a maternidade como uma consequência inconsciente do estrago da relação mãe-filha, ora por meio da maternidade são renuentes à sua feminilidade. Aqui, Miller diz: “uma mãe não é adequada com sua função só com a condição de seguir sendo mulher [...] esse é precisamente o escândalo: a mãe é uma mulher”.

Então, surgem as perguntas, o que acontece com as mães que concebem um filho e descartam o pai? Será que para rejeitar sua feminilidade elas escolhem ser só mães?. Na

atualidade, a ciência e a tecnologia fazem que a procriação seja cada vez mais acessível, há mais possibilidade de reduzir um homem com a sua parcela de espermatozoides e encomendar eles baixo uma demanda, inclusive, escolhendo suas características genéticas. Será preciso se perguntar sobre as conjunturas que constituem a condição de ser mãe sozinha, assim como a história singular de cada sujeito.

Neste contexto, as técnicas de reprodução assistida para remediar a infertilidade, também viram uma respostas do mercado ou da ciência para obturar a pergunta pelo desejo e reduzir o assunto no âmbito estritamente biológico.

Podemos falar que há desejo materno no sujeito que se serve da maternidade assistida e que descarta o pai?, está no lugar do desejo ou do deserto? E, essa criança vem para dividir ou para satisfazer à mãe? Miller indicou que “a relação sexual no falasser se constitui como uma falha do real, que nenhuma engenharia biotecnológica, nenhuma biologia sintética poderá saturar”.

Não se trata de dar uma resposta padrão, senão de dar lugar para essa pergunta como uma causa, porque essa mulher conseguiu ter acesso à maternidade sendo uma mãe sozinha? Essa modalidade de toda-maternidade lhe dá uma existência que não podia construir? Ela vai acessar à maternidade pela tecnologia que a ciência oferece para obturar sua pergunta sobre os impasses com o Outro sexo, o que no fundo revela os impasses com seu próprio corpo sexuado? Estará rejeitando a sua feminilidade?. Sem dúvidas, um psicanalista permite que cada mãe saiba fazer de um outro jeito com sua singularidade, sem aspirações de normalidade.

Fica outro assunto em aberto, o que acontece com o *sinthome*?, no texto *A experiência do real*, Miller descreve seu sétimo paradigma como o gozo do *sinthome* que é constante e ocupa a vida inteira. Então, esse acontecimento do corpo como causa, contingente e do lado do não-todo impossibilitando a relação sexual, nos deixa sozinhos?

Estamos ocupados por um gozo acéfalo que nos faz Outro para nós mesmos, é por isso que essa mãe, em relação com seu gozo, no ponto da não relação sexual, está sozinha mais além das voltas do seu desejo?, um *falasser* pode virar mulher no trajeto da análise porque sabe fazer com essa marca contingente, que faz uma exceção de cada um de nós, no caso da maternidade poderia se tratar de usar a bússola do *sinthome* para que uma mulher seja mãe, mais além dos semblantes e dos ideais que lhe deram uma referência.

Bibliografía

Lacan, J., (1969) Dos notas sobre el niño. *Intervenciones y textos 2*.

Miller, J.-A., *Donc*, Buenos Aires: Paidós. 2011.

Miller, J.-A., *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.

Miller, J.-A., El futuro del mycoplasma laboratorium. NEL debates.

Miller, J.-A., El niño entre la mujer y la madre. *Virtualia* N°13. Revista digital de la Escuela de Orientación Lacaniana. 2005.

Torres, M., Madre sola y sólo madre. Disponible en:

<http://www.nel-mexico.org/articulos/seccion/radar/edicion/91/553/Madre-sola-y-solo-madre>